

Violência sexual: as circunstâncias, as dores e as possibilidades de reinvenção subjetiva

Violencia sexual: las circunstancias, los dolores y las posibilidades de reinvencción subjetiva

Sexual violence: the circumstances, the pains and the possibilities of subjective reinvention

Aline Giorgis Santos Simões¹

Dulce Mari da Silva Voss²

Resumo

Essa escrita apresenta um estudo teórico acerca da violência sexual com crianças e adolescentes por meio de um mapeamento de produções científico-acadêmicas de autores/as, que se dedicam à problemática. Busca afirmar a necessidade de um trabalho articulado nas áreas da Psicologia e Educação que crie alternativas para o enfrentamento destes casos recorrentes no ambiente intrafamiliar. Esse tipo de violência ocorre independentemente das condições sociais e econômicas, incluindo aspectos culturais, psicológicos e legais em seu curso, fator que torna essa problemática uma questão de saúde pública. No aspecto cultural, o tema ainda é imbuído de tabu, tornando-se uma questão pouco investigada, discutida e atendida, o que coopera para que esse tipo de violência se mantenha. Nesse sentido, é necessário problematizar os modos como ainda hoje a sexualidade é tratada, temática carregada da tradição científica moderna que produz uma concepção naturalista do sexo. Nessa perspectiva, o estudo filia-se às teorias de Foucault e Louro para tratar as questões de sexualidade e Deleuze e Guattari abordando a produção de subjetividades. Para ampliar tal discussão aponta-se a necessidade de um movimento ativo de toda a sociedade de forma que não se mantenham silenciadas essas práticas.

Palavras-chave: Sexualidade; Sociedade; Subjetividade; Violência sexual.

Resumen

Esta escritura presenta un estudio teórico acerca de la violencia sexual con niños y adolescentes a través de un mapeo de producciones científico-académicas de autores / as, que se dedican a la problemática. Busca afirmar la necesidad de un trabajo articulado en las áreas de la Psicología y Educación que crea alternativas para el enfrentamiento de estos casos recurrentes en el ambiente intrafamiliar. Este tipo de violencia ocurre independentemente de las condiciones sociales y económicas, incluyendo aspectos culturales, psicológicos y legales en su curso, factor que hace que esta problemática sea una cuestión de salud pública. En el aspecto cultural, el tema todavía está imbuido de tabú, convirtiéndose en una cuestión poco investigada, discutida y atendida, lo que coopera para que ese tipo de violencia se mantenga. En ese sentido, es necesario problematizar los modos como aún hoy la sexualidad es tratada, temática cargada de la tradición científica moderna que produce una concepción naturalista del sexo. En esta perspectiva, el estudio se afilia a las teorías de Foucault y Louro para tratar las cuestiones de sexualidad y Deleuze y Guattari abordando la producción de subjetividades. Para ampliar tal discusión se apunta la necesidad de un movimiento activo de toda la sociedad de forma que no se mantengan silenciadas esas prácticas.

Palabras clave: Sexualidad; la sociedad; la subjetividad; Violencia sexual.

¹ Especialista em Educação e Diversidade Cultural; Universidade Federal do Pampa; Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil; alinegss79@hotmail.com

² Doutora em Educação; Universidade Federal do Pampa; Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil; duce.voss@gmail.com

Abstract

This writing presents a theoretical study about the sexual violence involving children and adolescents through a mapping of scientific-academic production of authors, who dedicate themselves to the problem. Seeking to assert the need for a joint work in the areas of Psychology and Education to create alternatives for coping with these recurrent cases in domestic environment. This type of violence occurs regardless of the social and economic conditions, including cultural aspects, psychological and legal in your course, a factor that makes this issue a public health issue. In the cultural aspect, the theme is still imbued with taboo, becoming an issue little investigated, discussed and answered, which cooperates to make this type of violence is maintained. In this sense, it is necessary to discuss the ways in which still today sexuality is treated, thematic loaded of modern scientific tradition that produces a naturalistic conception of sex. In this perspective, the study filia to theories of Foucault and Louro to deal with issues of sexuality and Deleuze and Guattari covering the production of subjectivities. To broaden this discussion points to the need for an active movement of the whole society so that it does not remain silenced those practices.

Keywords: Sexuality; Society; Subjectiveness; Sexual violence.

1. Introdução

Esse texto emerge das experiências profissionais de uma psicóloga no atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência e abuso sexual, o que inspira a aprofundar seus conhecimentos em torno desta temática na pesquisa de Mestrado na área da Educação. Deste modo a pesquisa poderá contribuir para o aprimoramento da formação de profissionais de ambas as áreas e o fortalecimento de diálogos com educadores/as para o enfrentamento da problemática.

Nesse sentido, o mapeamento das produções científico-acadêmicas de autores/as que se dedicam à problemática violência e abuso sexual com crianças e adolescentes constitui o foco desse estudo teórico filiado às teorias de Foucault e Louro para tratar as questões de sexualidade e Deleuze e Guattari ao abordar a produção de subjetividades.

2. Mapeando as circunstâncias e as dores

As situações de violência sexual ocorrem, principalmente, nos ambientes intrafamiliares e envolvem pessoas adultas que possuem vínculos com as crianças e adolescentes. Como esclarece Nakatani (2012, p. 14):

Quando a violência sexual ocorre no âmbito familiar, estendendo-se da família biológica à adotiva ou sócio-afetiva, denominamos abuso sexual intrafamiliar. Por outro lado, caso o abuso envolva pessoas que não possuem relações de parentesco ou de conhecimento com a criança, estaremos diante da figura extrafamiliar.

Logo a violência intrafamiliar acontece quando os agressores são mães, pais, irmãos(as), padrastos, madrastas, tios(as) ou pessoas muito próximas do círculo de relações da vítima. Nestes casos, as vítimas possuem vínculos afetivos e econômicos com os agressores, o

que dificulta a reação, causando prejuízo a estas crianças e jovens que ainda estão em processo de desenvolvimento biopsicossocial.

São múltiplos os fatores responsáveis por esse tipo de violência, incluindo aspectos socioculturais, psicológicos e legais em seu curso, fator que torna essa problemática uma questão de saúde pública. A violência sexual atinge a todos os envolvidos com a questão, ou seja, a família da criança ou adolescente vítima, também encara um período de tensão com inúmeras conseqüências, necessitando de um acompanhamento especializado que garanta um melhor enfrentamento da situação. É comum identificar nas vítimas sentimentos como: medo, vergonha, insegurança e culpa, vítimas estas, que com frequência são violentadas por quem deveria lhes garantir proteção e segurança.

Conforme a condição social, cultural e até mesmo religiosa da família, a violência se mantém, por muito tempo, silenciada e o “não dito” e “não visto” mantém a dor física e psíquica dessas vítimas e segue permeando o ambiente familiar, escolar e social. Essas crianças ou adolescentes necessitam serem acolhidas, orientadas e atendidas por meio de um suporte adequado para que sejam minimizadas as seqüelas e traumas, pois as evidências da violência, ou seja, o registro do ocorrido fica, na maioria das vezes, como nos mostra Volnovich (2005, p. 9), “guardado nas mentes e nos corações das crianças que os sofreram”.

Dependendo da faixa etária da criança, ela não encontra condições de expressar-se ou sente-se incapaz de reagir. Então, denúncia ou expressa o seu sofrimento em um nível comportamental, através do embotamento afetivo, da agressividade ou de psicopatologias diversas como: ansiedade, síndrome do pânico, automutilação, depressão entre outras. É comum que esse sofrimento se apresente no contexto social e principalmente no escolar já que a escola é um ambiente significativo e representativo para que o seu psiquismo se expresse.

A incidência deste tipo de violência alerta-nos para o quanto esse tema exige um movimento ativo de toda a comunidade de forma que não se mantenham silenciadas estas práticas.

2.1 O que as pesquisas revelam?

Para o estudo da temática proposta foram selecionadas teses, dissertações ou monografias nos Portais dos Repositórios das Universidades: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e na Plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

interessando saber se havia “certa tradição” de estudos e pesquisas da temática. Em muitos trabalhos, através da leitura do resumo e introdução foi possível obter um norte sobre o conteúdo abordado pelos autores, seus objetivos, metodologias e embasamentos teóricos. Em outros, foi necessário recorrer às referências bibliográficas para chegar à seleção final que foi: no Portal da CAPES, dos cinco trabalhos encontrados foram selecionados três, e nos Repositórios das Universidades Federais da Região Sul, dos vinte e nove encontrados, dois.

Um dos materiais selecionados foi o levantamento feito por Spaziani (2017) que analisou dissertações e teses brasileiras sobre violência sexual contra crianças, publicadas entre os anos 1987-2015, no Banco de Teses e Dissertações do portal CAPES, produzindo um balanço das produções científicas que envolviam diversas áreas do conhecimento. Conforme a autora foram localizadas 415 pesquisas (337 dissertações e 78 teses) sobre a violência sexual contra crianças, havendo 31 estudos da área da Educação.

A autora percebeu que o conceito de gênero se inseriu parcialmente nas produções científicas sobre violência sexual contra crianças. Porém, esta autora analisou o fenômeno por meio da categoria idade, não utilizando gênero na análise. Seu estudo aponta a importância de ampliar a produção de pesquisas sobre a violência sexual contra crianças, solidificando-se assim, como um campo de conhecimento sobre esse assunto, enfatizando que o enfrentamento à violência atravessa a área da Educação.

A carência de estudos nessa área indica que a violência ainda é tratada com maior ênfase no campo jurídico, social e da saúde. Nessa perspectiva de buscar dados na área jurídica, Sanfelice (2011) apresenta uma pesquisa feita nos autos dos processos de seis autores de abuso sexual em Santa Maria (RS) a fim de obter informações sobre as denúncias e sobre os depoimentos desses homens e de suas (ex) companheiras.

A autora identificou como as relações de gênero se constroem e se reproduzem nos (e pelos) autores de abuso sexual e analisou como estes compreendem e se posicionam frente a violência de gênero. Segundo ela, a proposta desta pesquisa estava relacionada à necessidade de lançar um olhar a partir de outra perspectiva, ou seja, a partir das relações de gênero de homens autores de abuso sexual contra crianças para refletir além da responsabilização, mas questionar como se constroem as relações de gênero de homens autores de violência sexual.

Os resultados indicaram que, a maioria dos casos foram de abuso sexual intrafamiliar cometido por homens, brancos e adultos contra meninas com idades entre seis e onze anos. Segundo a autora, os sujeitos pesquisados são vitimizados pela perspectiva da ordem patriarcal de gênero, pois, ao mesmo tempo em que foram educados para serem “machos” são

responsabilizados socialmente e judicialmente por exceder a “norma”. Deste modo, desenvolveram seus comportamentos baseados nos padrões familiares (Idem, 2011).

A autora leva-nos a refletir sobre o quanto a questão do corpo, seus usos e prazeres estão atrelados as relações de poder e saber. Através desta escrita, é possível pensar que a cultura machista reforça o poder do homem na relação sexual, a ponto de justificar os casos de violência investidos contra crianças.

A violência sexual também atinge meninos como revela o estudo de Souza (2017) que realizou um levantamento das informações no Sistema Integrado de Gestão Operacional (SIGO) do município de Corumbá (MS), no período de 2006 a 2015, acerca de dois mil duzentos e oitenta e nove crimes contra crianças, selecionando quarenta e oito Boletins de Ocorrência cujas vítimas de violência sexual foram meninos menores de doze anos. O objetivo do autor foi analisar sob a perspectiva dos estudos de gênero e dos pressupostos foucaultianos. Os dados encontrados realçam a necessidade de abordar as questões de gênero, sobretudo na área da Educação, a fim de contribuir para a compreensão e o enfrentamento das violências sexuais contra os meninos.

Um dos estudos feitos no ambiente escolar envolvendo adolescentes refere-se a investigação empreendida por Heine (2017) sobre os fatores de risco associados à perpetração de violência nas relações amorosas caracterizadas como “ficar” e namorar. A autora explorou variáveis como: a exposição à violência no contexto familiar, testemunhar violência conjugal dos pais e ter sido vítima de maus tratos na infância, a influência do grupo de pares e variáveis individuais, como ser do sexo feminino e fazer uso de álcool, utilizando de métodos estatísticos e mensurações de resultados alcançados em questionários respondidos por quinhentos e trinta e três adolescentes de quatorze a dezenove anos, estudantes de escolas públicas e privadas da Região Metropolitana de Porto Alegre (RS). Foram utilizados os instrumentos questionário de dados sociodemográficos e relações afetivo-sexuais na adolescência, Escala de Exposição à Violência Intrafamiliar na Infância (EEVII) e Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência (CADRI).

A pesquisa aponta para importância de serem problematizadas as relações parentais envolvendo a violência no contexto familiar sugerindo que os modelos parentais podem interferir em comportamentos agressivos. A autora leva-nos a perceber que a violência nos relacionamentos conjugais além de ser uma violação dos direitos humanos traz danos profundos físicos, sexuais, reprodutivos, emocionais, mentais, comprometendo a saúde e o bem-estar de indivíduos e famílias.

Portanto, o mapeamento das produções científicas revela que há muito a ser pesquisado no campo da Educação, no sentido de abrir espaços de diálogo sobre este tema tão urgente e oferecer possibilidades preventivas de enfrentamento, pois é necessário um posicionamento além da constatação e punição destes crimes. Para tanto, há que problematizar os modos como os discursos acerca da sexualidade circunstanciam as relações entre os sujeitos.

3. Sexualidade: produção subjetiva

As leituras empreendidas até o momento associadas a outra pesquisa cujo foco foi a produção científico-acadêmica da Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPED)³, reforçam a hipótese de que a sexualidade é construída historicamente, enquanto discursos que se engendram de muitas formas em nossa cultura e nas relações cotidianas da vida social. Uma invenção histórica que data do século XIX, “[...] os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma ‘sexualidade’, que abre para campos de conhecimentos bastante diversos, e que se articula num sistema de regras e coerções” (FOUCAULT, 1984, p. 10).

É necessário problematizar os modos como ainda hoje a sexualidade é tratada, temática carregada da tradição científica moderna que se produziu sob uma concepção naturalista do sexo, entendido como “[...] marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal [...]” (NUNES; SILVA, 2000, p. 74).

Logo, as experiências sexuais vividas na infância e na adolescência, sejam prazerosas ou traumáticas, agem sobre os processos de formação das subjetividades. Como diz Guattari (In: GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 42):

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes de subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização.

Torna-se fundamental, então, compreender a sexualidade como uma questão cultural que envolve desejos corporais e prazeres sexuais manifestados ou não em diferentes momentos da vida, inclusive na infância e na adolescência. Na vida social e cultural, a

³ SIMÕES, 2017.

sexualidade é uma “invenção”, isto é, esta se constitui com base em discursos sobre o sexo que regulam, normalizam e produzem “verdades” (LOURO, 2007).

Ainda que a violência sexual contra crianças e adolescentes seja uma prática cada vez mais recorrente em nossa sociedade, este problema é carregado de tabus quanto à sexualidade, fator que contribui para o silenciamento das vítimas. Se a sociedade estivesse mais disposta e preparada para identificar e exercer uma postura ativa diante desse tipo de violência, poderíamos diminuir a ocorrência de casos envolvendo crianças e adolescentes. No entanto, o que se identifica é um processo lento de quebra de silêncios e concepções tradicionais que banalizam, negam ou apenas criminalizam a violência sexual.

4. Considerações finais

Por meio deste estudo buscou-se mapear pesquisas sobre violência sexual, alertando sobre o sofrimento e os prejuízos biopsicossociais enfrentados pelas vítimas e apontar para as possibilidades de dialogar e investir em formação de educadores/as, problematizando os discursos e os tabus que perpassam tal problema.

Foi possível perceber que, há uma carência de pesquisas sobre a temática na linha de análise adotada. É válido lembrar que as teorias Pós-Estruturalistas e a Filosofia da Diferença permitem olhar para a violência e o abuso sexual como uma problemática não apenas do campo da saúde e da vida privada. Mas, como questão de saúde pública que envolve a educação, pensando que as concepções em torno da sexualidade e os padrões culturais que “protegem” práticas machistas e patriarcais nos ambientes intrafamiliares precisam ser colocadas em discussão. Por esse motivo, o critério de escolha dos textos foi a abordagem da violência sexual, direcionando seus enfoques para as diferenças de gênero, relações de poder e saber, que circunstanciam os padrões culturais ainda vigentes nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Essa abordagem de estudo e análise trata a violência e o abuso sexual contra crianças e adolescentes como um grave problema que exige enfrentamento dos educadores/as das escolas aliados ao/as psicólogos/as e demais profissionais de áreas, como a jurídica e social, pois o trabalho multidisciplinar e o tratamento da temática de forma transversal ampliam as possibilidades de percepção e ação.

Cabe salientar que esse tipo de violência é difícil de chegar ao conhecimento público devido ao complexo processo de identificação e constatação do crime em que se configura. À medida que as denúncias são realizadas as vítimas recebem as orientações e os

acompanhamentos necessários, fato que também colabora para que o agressor seja devidamente responsabilizado e principalmente deixe de representar risco social.

A denúncia, o enfrentamento e a diminuição dos danos decorrentes desta violência dependem da forma como percebemos a violência sexual, isso em relação à postura tanto da vítima como de toda a sua rede de apoio, o que mais uma vez direciona-nos a necessidade de uma quebra de paradigmas que compactue com um movimento consciente e responsável de modificar a cultura de silenciamento que naturaliza ou banaliza a violência.

É importante salientar que este tipo de violência exige mais do que informação, conhecimento e disposição para adentrar em um terreno de tabus onde as questões da sexualidade são negadas pela inabilidade da família, da escola, e da sociedade em geral em debater sobre o tema. A complexidade em que se apresenta a violência sexual requer de todos nós, responsáveis pela garantia de direitos de crianças e adolescentes, posicionamentos que dêem conta de romper com padrões envelhecidos e rígidos e de formar uma rede de enfrentamento alicerçado em informação, disposição e mobilização.

Referências

FOUCAULT, M. (1926). *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1984, 232 p.

GUATTARRI, F. ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12º ed., Petrópolis. Rio de Janeiro, Vozes, 2013, 439 p.

HEINE, J. A. *Intergeracionalidade da violência em relações afetivosexuais na adolescência: Associações com a violência conjugal dos pais e maus tratos na infância*. 2017, 38 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2017.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. In: *Educação em Revista*, n. 46. p. 201-218. dez. 2007. ISSN 1982-6621. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46>. Acesso em: 12 ago. 2018.

NAKATANI, F. M. *Abuso sexual intrafamiliar contra a criança: entre o direito e a psicologia*. 2012, 72 f. Monografia (Bacharelado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

NUNES, C. S. E. *A educação sexual da criança: polêmicas do nosso tempo*. Campinas, São Paulo, Autores Associados, 2000, 144 p.

SANFELICE, M. M. *Violência de Gênero: Um estudo das relações de gênero de homens autores de abuso sexual contra crianças em Santa Maria*, 2011. 116 f. Tese (Mestrado em

Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

SIMÕES, A. G .S . *Discursos acerca da sexualidade em produções científico-acadêmicas da ANPED: o que é dito sobre os sujeitos que escapam à norma na escola*, 2017, 41 f. Monografia (Especialização em Educação e Diversidade Cultural) Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, 2017.

SPAZIANI, R. B. *Violência sexual contra crianças: A inserção da perspectiva de gênero em pesquisas de Pós-Graduação da Área da Educação (1987-2015)*. 2017, 208 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2017.

SOUZA, S. da S. *Violência sexual contra meninos no município de Corumbá/MS no período de 2006 a 2015*. 2017, 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Corumbá, Corumbá, Mato Grosso do Sul, 2017.